

Experiências lúdicas com a linguagem escrita na Educação Infantil do Colégio de Aplicação da UFPB

Thais Thalyta da Silva¹

Renata da Costa Lima²

Rayssa Maria Anselmo de Brito³

Resumo:

Este texto apresenta reflexões sobre o modo como as práticas educativas com a linguagem escrita têm sido desenvolvidas pelo viés da ludicidade nas turmas de Educação Infantil do Colégio de Aplicação da Universidade Federal da Paraíba. Para tanto, discute dois aspectos da cultura que muito interessam às crianças: a ludicidade, que possui um importante papel na cultura das infâncias, pois permite a expressão da criatividade e imaginação; a linguagem escrita, que é objeto de conhecimento presente no cotidiano das sociedades letradas e, consequentemente, presente no cotidiano das crianças. Deste modo, na primeira parte deste relato, refletimos sobre os conceitos de ludicidade e linguagem escrita na Educação Infantil. Em seguida, apresentamos alguns relatos de experiências brincantes envolvendo a linguagem escrita vivenciadas nas turmas do Infantil 3, 4 e 5 do Colégio de Aplicação da UFPB, tanto no que se refere às experiências propostas pelas docentes, quanto aquelas iniciadas espontaneamente pelas crianças.

Palavras-chave: Educação Infantil. Linguagem escrita. Ludicidade.

Playful experiences with written language in Early Childhood Education at the UFPB Colégio de Aplicação

Abstract: This text presents reflections on the way in which educational practices with written language have been developed through playfulness in Early Childhood Education classes at the Colégio de Aplicação at the Universidade Federal da Paraíba. To this end, it discusses two aspects of culture that are of great interest to children: playfulness, which plays an important role in childhood culture, as it allows the expression of creativity and imagination; written language, which is an object of knowledge present in the daily lives of literate societies and, consequently, present in the daily lives of children. Therefore, in the first part of this report, we reflect on the concepts of playfulness and written language in Early Childhood Education. Next, we present some reports of playful experiences involving written language experienced in the Kindergarten 3, 4 and 5 classes at the

¹ Doutora em Educação, professora do Colégio de Aplicação da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: tts@academico.ufpb.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3470-3754>

² Doutora em Educação, professora do Colégio de Aplicação da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: renata.lima@academico.ufpb.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8396-6139>

³ Doutora em Educação, professora do Colégio de Aplicação da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: rayssamabrito@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9389-6421>

Colégio de Aplicação at UFPB, both in terms of the experiences proposed by the teachers and those initiated spontaneously by the children.

Keywords: Early Childhood Education. Written language. Playfulness.

Experiências lúdicas con el lenguaje escrito en Educación Infantil en el Colégio de Aplicação de la UFPB

Resumen: Este texto presenta reflexiones sobre el modo en cómo las prácticas educativas con el lenguaje escrito han sido desarrolladas a través de la ludicidad en las clases de Educación Infantil en el Colégio de Aplicação de la Universidade Federal da Paraíba. Para ello, se analizan dos aspectos de la cultura que resultan de gran interés para los niños: la ludicidad, que juega un papel importante en la cultura infantil, ya que permite la expresión de la creatividad y la imaginación; lenguaje escrito, que es un objeto de conocimiento presente en la vida cotidiana de las sociedades alfabetizadas y, en consecuencia, presente en la vida cotidiana de los niños. De este modo, en la primera parte de este informe reflexionamos sobre los conceptos de ludicidad y lenguaje escrito en Educación Infantil. A continuación, presentamos algunos relatos de experiencias lúdicas con lenguaje escrito vividas en los cursos de 3º, 4º y 5º de Educación Infantil del Colégio de Aplicação de la UFPB, tanto en términos de las experiencias propuestas por los profesores como de aquellas iniciadas espontáneamente por los niños.

Palabras clave: Educación Infantil. Lenguaje escrito. Ludicidad.

1 Introdução

“Palavras
Gosto de brincar com elas.
Tenho preguiça de ser sério.”
Manoel de Barros

A Educação Infantil é a etapa da educação básica que busca o desenvolvimento integral das crianças menores de seis anos através de práticas pedagógicas desenvolvidas a partir das interações e brincadeiras. Mediante as orientações normativas do campo, compreendemos que o currículo da etapa é vivo e se constitui a partir da consideração das crianças como sujeitos que pensam, se expressam e participam ativamente do mundo, de modo que ao se apropriar da cultura, também a produzem. Esse currículo vivo valoriza as infâncias e suas experiências e é construído a partir da interação entre os sujeitos e a cultura.

Nessa perspectiva, “a Educação Infantil tem um papel importante a assumir na formação de leitores e de usuários competentes da linguagem escrita, entendendo esses aspectos como produção de cultura e defendendo o direito das crianças à cultura letrada” (ARAÚJO, 2016, p.2330).

Assim sendo, no presente relato, apresentaremos reflexões sobre o modo como as práticas educativas com a linguagem escrita têm sido desenvolvidas pelo viés da ludicidade nas turmas de Educação Infantil do Colégio de Aplicação da Universidade Federal da Paraíba (CAp-UFPB). Para tanto, destacamos dois aspectos da cultura que muito interessam às crianças: a ludicidade e a linguagem escrita. A primeira, tem um importante papel na

cultura das infâncias, por permitir a expressão da criatividade e imaginação, facilitando o desenvolvimento de habilidades sociais, emocionais e cognitivas. Já a segunda, é um objeto de conhecimento muito presente no cotidiano das sociedades letradas e, conseqüentemente, presente no cotidiano das crianças. Logo, "se a linguagem escrita diz respeito às crianças e lhes interessa, se elas aspiram aos conhecimentos que dizem respeito a cultura, a questão, então, é refletir sobre como apresentar a linguagem escrita respeitando a cultura da infância, os modos próprios de as crianças aprenderem" (ARAÚJO, 2016, p. 2330).

Consoante ao exposto, apresentamos adiante uma breve reflexão sobre o conceito de ludicidade relacionando-o ao trabalho com a linguagem escrita na educação infantil. Em seguida, relatamos algumas experiências vivenciadas com a linguagem escrita com as crianças da Educação Infantil do CAP-UEPB (crianças de 3, 4 e 5 anos) a partir de dois grandes eixos: 1- Situações intencionais com a linguagem escrita, organizadas e mediadas pelas docentes e 2- Situações em que a escrita é mobilizada espontaneamente pelas crianças. A separação dos eixos busca situar como o currículo vivo vem sendo construído para e com as crianças, valorizando-as, mas também compreendendo a importância da mediação docente, que por meio de suas reflexões e intencionalidades, planejam o direcionamento a ser trilhado em seus cotidianos com e para as crianças.

2 Reflexões sobre a ludicidade e o trabalho com a linguagem escrita na Educação Infantil

Corriqueiramente, em textos acadêmicos ou em discursos de profissionais e estudantes que se debruçam sobre as infâncias, os conceitos de ludicidade e de brincadeira são tratados como sinônimos. Expressões como "na Educação Infantil as práticas precisam ser lúdicas" ou "a brincadeira precisa ser eixo norteador das experiências na Educação Infantil" são comumente utilizadas sem uma reflexão mais aprofundada sobre em que os conceitos de ludicidade e de brincadeira - ou lúdico e brincar - se aproximam e se distanciam.

A respeito da ludicidade, Luckesi (2005) tem defendido que, predominantemente, o conceito tem sido compreendido sob a ótica de seu papel na vida humana. Ou seja, no desenvolvimento humano, nos processos de ensino e de aprendizagem, nos processos terapêuticos, no lazer, etc.; ou, então, na perspectiva de atividades lúdicas, descrevendo como realizá-las. Contudo, destaca o autor, o conceito ainda é pouco explorado quanto ao ponto de vista interno e integral do ser humano.

Sob este ponto de vista, por ser uma experiência interna ao indivíduo, a ludicidade é única para cada sujeito. Deste modo, ela "não pode ser medida externamente; ela só pode ser experimentada e expressa por cada indivíduo, com base naquilo que o afeta internamente, em circunstâncias específicas" (LUCKESI, 2014, p. 18). Contudo, é importante destacar que a defesa da ludicidade como um fenômeno interno ao sujeito não desconsidera os estudos que tratam desse fenômeno a partir das experiências externas - como os estudos sociológicos, etnográficos ou históricos -, como afirma o autor supracitado.

Neste contexto, a ludicidade se relaciona às experiências internas e individuais de cada ser humano e, por isto, não se resumem à ação de brincar. Dizendo de outro modo, as vivências ou experiências que despertam no indivíduo prazer e bem-estar podem ser compreendidas como atividades lúdicas, muito embora não sejam necessariamente uma

atividade ou experiência brincante. Neste sentido, podemos dizer que a brincadeira não necessariamente será uma vivência lúdica para todos os indivíduos. A título de ilustração, Luckesi (2005, p. 6) dá o exemplo sobre a brincadeira de pular corda:

Dar-me-á inteireza, alegria, prazer, praticando essa experiência sozinho e, ao mesmo tempo, na interação com as outras pessoas, participando e partilhando da felicidade do momento. Todavia, para outra pessoa, esta mesma atividade, poderá trazer desprazer, seja devido nunca ter pulado corda e não estar interessada em tentar aprender agora, seja devido ter tido uma experiência muito negativa com esse brinquedo em sua história pessoal de vida, ou qualquer outro elemento que não lhe permita vivenciar agora essa experiência com alegria, prazer, integridade.

Mas, mesmo entendendo o fenômeno da ludicidade como algo que pode ser experienciado para além do contexto das brincadeiras, sabemos que é sobretudo por meio do brincar, no contexto das infâncias, que ela é rotineiramente experienciada. E, no contexto da Educação Infantil especificamente, a brincadeira é eixo estruturante das experiências vivenciadas com as crianças. Como afirma Rocha (2016, p. 155), "o brincar está intrinsecamente ligado ao comportamento da criança; emerge da essência do ser humano, encontra-se na gênese do pensamento, na descoberta da individualidade, possibilidade de experimentar, criar e transformar o mundo". Já o brincar quando mediado pela ação do professor "emerge como oportunidade de exploração da ação, da narrativa verbal, da aprendizagem e desenvolvimento de competências sociais" (KISHIMOTO, 2022, p. 140).

Consoante a tudo isto, sem a pretensão de medir externamente a experiência lúdica das crianças (LUCKESI, 2005; 2014), mas, ao mesmo tempo, em respeito às especificidades da área da Educação Infantil e tendo a consciência da brincadeira como essencial ao desenvolvimento integral das crianças, temos estruturado nossa prática docente com vistas a propor experiências lúdicas e brincantes para as crianças desta etapa no CAP-UFPB.

No que se refere à linguagem verbal particularmente, compreendemos que a "língua e suas relações com sistema de escrita podem se dar na Educação Infantil sem ferir o princípio das experiências significativas, lúdicas e prazerosas com a linguagem, podendo, pelo contrário, ser mobilizada, justamente, em situações lúdicas com textos e palavras" (ARAÚJO, 2016, p. 2339).

Desde muito pequenas é possível observar que as crianças apresentam interesse e manuseiam portadores de escrita, prestam atenção nas palavras e nas letras, questionam, interpretam o comportamento de adultos e de outras crianças nas ações de ler e de escrever, produzindo de forma criativa em contextos de brincadeiras, deixando suas marcas nessas situações (GIRÃO; BRANDÃO, 2023).

Nesta perspectiva, apresentamos a seguir algumas situações brincantes experienciadas com a linguagem escrita na Educação Infantil do CAP-UFPB.

3 Relato de experiências lúdicas com a linguagem escrita na Educação Infantil

Nesta seção, apresentaremos relatos de situações educativas com a linguagem vivenciadas na Educação Infantil do CAP-UFPB. Porém, antes disso, cabe situar o que o

coletivo docente da instituição propõe enquanto objetivos para o trabalho com a linguagem verbal na etapa:

Quadro 1 - Objetivos de desenvolvimento e aprendizagem do campo de experiências Fala, Escuta, Pensamento e Imaginação produzido pelas professoras de Educação Infantil do CAP-UFPB

- Se expressar por meio da linguagem oral, de forma coerente e sequencial.
- Diferenciar desenho de escrita.
- Relatar, produzir e/ou recontar experiências, fatos e histórias, podendo realizar a produção de reconto escrito, tendo o professor ou outro adulto como escriba.
- Participar oralmente da produção coletiva de textos, tendo o professor como escriba.
- Conhecer e identificar letras, registrando-as dentro de suas possibilidades de escrita.
- Conhecer e identificar diferentes sons (sílabas, rimas e aliterações) em palavras do cotidiano, em cantigas de roda e textos diversos.
- Reconhecer o próprio nome, registrando de acordo com suas hipóteses.
- Usar estratégias de identificação de palavras do cotidiano.
- Demonstrar interesse e atenção na leitura e escuta de histórias e outros textos, diferenciando escrita de ilustrações.
- Escolher e folhear livros, acompanhando, com orientação do adulto-leitor, a direção da leitura (de cima para baixo, da esquerda para a direita).
- Compreender os textos acessados, identificando suas características principais (temática, cenários, personagens e principais acontecimentos, entre outros).
- Manusear diferentes portadores textuais, levantando hipóteses sobre os gêneros textuais e reconhecendo seus usos sociais.
- Levantar hipóteses em relação à linguagem escrita, registrando, palavras e textos, por meio de escrita espontânea.

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir da Proposta Curricular da Educação Infantil do CAP-UFPB.

O currículo vivo do CAP-UFPB busca articular os saberes e experiências infantis ao patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico (BRASIL, 1999). E no que se refere a linguagem verbal, é a partir dos objetivos supracitados que foram construídos (e anualmente revisados) considerando os documentos orientadores da área, o contexto da instituição e, sobretudo, as crianças, com as diferentes possibilidades e interesses de cada faixa etária - que o ensino vem se constituindo. Conforme isso, vale ressaltar que tal ensino, nesta etapa,

(...) não necessariamente precisa se constituir a partir de uma prematura cobrança quanto ao processo de alfabetização, muito menos de uma necessidade de igualar as práticas da Educação Infantil com as do Ensino Fundamental, mas de naturalizar situações contextualizadas e significativas com a escrita, respeitando as potencialidades das crianças menores de 6 anos (SILVA, 2021, p.136).

Assim sendo, apresentaremos, a seguir, relatos de situações lúdicas e relevantes que foram (e têm sido) experienciadas com nossas crianças. Tais relatos emergem de algumas práticas das três autoras, que, desde 2018, fazem parte do corpo docente do CAP-UFPB.

3.1 Situações intencionais com a linguagem, organizadas e mediadas pelas docentes

Considerando a proposta curricular do CAP-UFPB, iniciaremos o relato a partir das chamadinhas, atividade permanente na rotina de todas as turmas da Educação Infantil do

colégio, que costumam ser planejadas considerando a ludicidade. Ao buscar aproximar as crianças da escrita de seu próprio nome e do nome dos colegas, consideramos alguns objetivos de aprendizagem e conseguimos promover a análise e apropriação destas palavras, quem tem sentido para elas, e potencializar aprendizagens sobre o sistema de escrita.

Dessa atividade, relatamos o exemplo de uma situação de chamadinha em que as crianças do Infantil 3 (crianças bem pequenas do último ano da creche) foram convidadas pela professora a identificar seus nomes por meio da parlenda: “Quem quiser saber meu nome, dê uma volta no jardim, o meu nome está escrito, numa folha de jasmim”. Primeiro foi apresentada oralmente a parlenda, recitando de forma ritmada e estimulando as crianças a também fazê-lo. Também exploraram o texto escrito. Quando já estavam bem familiarizados, ela montou no chão uma apresentação de um dos cartões de nomes da turma em volta de uma flor e pediu para que ali imaginassem o jardim da turma. Cada criança era chamada, individualmente, a recitar a parlenda, enquanto caminhava ao redor do jardim em busca de seu nome. As crianças sentiram-se muito motivadas e alegres com a experiência, demonstrando interesse por concretizar a parlenda por meio do faz de conta e também pela busca pelo seu nome. Ao achar o nome, elas podiam conferir se acertaram, pois os cartões eram feitos com tampas de lenço umedecido que abriam e fechavam, ou seja, por fora tinham os nomes e, ao abrir, tinha a foto da criança para conferir. Após alguns dias, as crianças foram orientadas a escrever seus nomes em uma folha representada com um papelão pintado por elas, e seguiram brincando também de outras formas com a parlenda.

Imagem 1 - Explorações da parlenda “Quem quiser saber meu nome”



Fonte: Arquivo das autoras.

Por se tratar de crianças bem pequenas, a escrita do nome próprio ainda não era uma palavra estabilizada para todos, de modo que o momento mobilizou muita reflexão junto às crianças, sobretudo nas trocas que havia entre nomes parecidos. A primeira imagem mostra um dos momentos de reflexão em que a professora auxilia uma criança a achar seu nome com auxílio de outra ficha. A aproximação dos demais colegas foi espontânea, fruto de seus entusiasmos com a situação, reiterando a ludicidade do momento para a turma.

A exploração dessa e de outras parlendas costuma promover entusiasmo entre as crianças. A brincadeira com textos da oralidade é uma prática sociocultural e, por isso, sempre está presente em nossas práticas. Costumamos apresentar e recitar com as crianças,

registrar o texto por escrito para explorar as palavras, como também representar o texto por meio de imagens, desenhos ou fotos das crianças encenando.

Voltando às situações de chamadinhas, destacamos que estas costumam ser planejadas em todas as turmas, pois devido a recorrência da chamadinha, compreendemos a necessidade de sempre variá-la para que a atividade continue sendo significativa e desafiadora para as crianças, a exemplo de uma chamadinha a partir da cantiga popular “Se eu fosse um peixinho”, com exploração da música, de amplo conhecimento infantil, e uma brincadeira de pescaria de peixes com os nomes das crianças, que já aconteceu nas turmas.

Ainda sobre a reflexão em torno dos nomes próprios, costumam ser também muito utilizados os jogos de pareamento entre o nome e o nome com suporte da imagem da criança, ou o nome e sua letra inicial, bem como as montagens do nome com letras móveis ou brinquedos de encaixe com letras do nome. As crianças costumam se interessar por essa exploração e à medida que as professoras vão criando variações, sentem-se estimuladas a acertar. Assim, vão se apropriando de seu nome e do nome dos colegas, bem como do nome de algumas letras.

A respeito do conhecimento do nome das letras, não costumamos fazer um trabalho sequencial de identificação das letras do alfabeto nem atividades de nomeação isolada das letras, mas buscamos ir construindo esse repertório com as crianças a partir dessas explorações dos nomes próprios e de outras palavras do cotidiano, onde vamos chamando atenção à algumas letras. Vivenciamos, por exemplo, uma catalogação de animais por letra inicial, onde as crianças das três turmas eram estimuladas a pensar o nome de um animal que começasse com determinada letra, registrar o nome, dentro de suas possibilidades, e fazer também outros registros ou desenhos sobre ele. Em outra situação, as crianças participaram do Infantil 5 brincaram com um jogo para identificação das letras do alfabeto. Neste, que serviu também como um instrumento de coleta de informações sobre os conhecimentos das crianças, elas jogavam o dado e ao pegar uma carta, nomeavam a letra ou, quando mais avançadas, diziam uma palavra conhecida com a letra da carta.

As brincadeiras e/ou jogos com palavras também fazem parte do cotidiano das crianças do CAp-UFPA. Nestas, através de um contexto lúdico, costumamos chamar atenção aos aspectos sonoros da linguagem, como a identificação de letras, rimas e/ou aliterações, e a comparação de palavras, o que pode ser evidenciado numa vivência realizada com as crianças do Infantil 4, na exploração da história de “Piu, o pássaro que não voava” de André Sette, ao ler o nome dos três personagens Piu, Miu e Bui, a professora então lançou um desafio com as crianças: Se os pais deles tivessem outros filhotes, como eles se chamariam? Nesse momento as crianças foram juntando as iniciais de seus nomes com as vogais que se repetiam, formando novas palavras - Fiu, Tiu, Diu, Viu, Riu, Niu... A brincadeira foi registrada em um painel de papelão com passarinhos de dobradura e a professora, na função de escriba, escreveu cada palavra no cartaz e deixou exposto na sala.

Imagem 2 - Cartaz a partir do livro “Piu, o pássaro que não voava”



Fonte: Arquivo das autoras.

Ao analisar a vivência com a literatura em questão, vemos que a mesma se constituiu como um momento lúdico em que as crianças podiam se inserir na história, brincando com as palavras a partir de seus próprios repertórios linguísticos.

As situações relatadas buscam representar tantas outras presentes no cotidiano Educação Infantil do CAP-UFPB, que têm sido preparadas pelas docentes buscando garantir os direitos das crianças de refletir sobre a língua escrita, respeitando as especificidades de cada uma das turmas dessa etapa escolar.

3.2 Situações em que a escrita é mobilizada espontaneamente pelas crianças

Ao destacar situações de uso espontâneo da escrita nas brincadeiras das crianças, vale-se salientar que, numa perspectiva sociocultural, a brincadeira é uma produção cultural da sociedade e não algo natural. Assim, ainda que determinadas e orientadas pelas crianças, elas ressignificam experiências anteriores. Ou seja, ao mobilizar a linguagem verbal em seus momentos brincantes, as crianças “imitam o mundo adulto, e, conseqüentemente, aprendem sobre a sociedade, sobre as relações sociais e sobre o papel da linguagem nas variadas situações” (LEAL; SILVA, 2011, p.60).

No momento de acolhida das crianças, a professora do Infantil 3 disponibiliza diferentes recursos (massinha, jogos de montar e de encaixe, livros, etc.) e brinquedos para que as crianças escolham livremente como querem brincar e interagir. Todavia, uma das crianças procurou a professora e pediu que lhe desse folhas de papel e lápis de colorir, visto que, naquele dia especificamente, a professora não tinha disponibilizado esse material.

Após a professora entregar os papéis e um pote com lápis de diferentes cores, a criança lhe disse que iria fazer um livro sozinha (fazendo referência a construção coletiva de um livro que havia sido feita no dia anterior) e pediu à docente que dobrasse as folhas ao meio e prendesse com uma cordinha para ficar parecendo um livro. A professora assim o fez, dobrando as folhas ao meio e grampeando para que não se soltasse. Durante algum tempo a criança desenhou em algumas páginas, parando apenas para organizar a sala junto com os demais colegas e sentar-se à roda para a realização da contação de história, conversa e brincadeiras trazidas pela professora naquele dia.

Concluído o momento de roda e de lanche, conforme a rotina no infantil 3, havia chegado o momento de brincadeiras livres no pátio. A criança optou por retomar a produção

do livro e solicitou à professora levar os lápis para o pátio, pois queria concluí-lo. Um tempo depois, com as páginas todas já desenhadas, a criança procurou a estagiária da turma e pediu para que ela escrevesse o que iria falar. Quando concluiu o livro, a criança se aproximou da professora e leu toda a história, posicionando o dedo sobre as palavras escritas. Ao final, afirmou que o nome do seu livro era: a menina que tinha o cabelo sujo. Em seguida, se dirigiu à algumas de suas colegas chamando-as para brincar de ler história. Após sentarem em roda no chão, leu sua produção para as crianças que escutaram com atenção.

A situação mostra como a criança, por livre vontade, retoma uma experiência vivenciada de forma coletiva e conduzida pela sua professora, como uma atividade individual que apresenta reflexões sobre o modo de registrar a história por escrito. Também é interessante como depois ela convida os colegas para partilhar a situação, demonstrando o quanto a experiência foi lúdica para ela.

Outra situação de escrita espontânea a ser destacada neste relato foi vivenciada em uma brincadeira de faz de conta em que a professora do Infantil 4 montou na sala um pequeno consultório médico. Com uma mesinha, duas cadeiras e alguns brinquedos de equipamentos médicos, tais como estetoscópio, termômetro, seringa e etc. Na ocasião, cada criança pegou na caixa de brinquedos um boneco ou boneca que seria incorporado à brincadeira na função de filho ou filha. Assim, as crianças iam definindo entre si os papéis sociais que iriam exercer nesse jogo simbólico de faz de conta. Para compor ainda a brincadeira, foi disponibilizado na mesa do médico um pequeno bloco de papéis e uma caneta para representar o receituário.

Assim, à medida que as crianças iam chegando ao consultório médico, a criança no papel de médica(o), a exemplo da foto a seguir, iniciava o processo perguntando quais queixas na saúde da criança (boneco/boneca) o traziam naquele hospital. Logo, as crianças traziam para a oralidade na brincadeira termos já presentes em seus repertórios de vida, relatando prováveis sintomas por eles já experienciados tais como garganta ou ouvido doendo, febre, dor na barriga... ao passo que a criança “médica” iria examinando. Ao final de cada consulta, uma situação nos chamava a atenção, a necessidade das crianças registrarem por meio da escrita, a receita médica indicada para seus pacientes, de modo que cada criança utilizava as letras de forma espontânea, recorrendo muitas vezes às letras que compunham o seu nome. Uma vez escritas as receitas, eles apontavam e liam o que estaria escrito naquele papel. Na ocasião, a professora não intervia, contudo, permanecia acompanhando a brincadeira observando e por vezes se inserindo, sempre que convidada.

Uma situação parecida aconteceu no Infantil 5, a partir de um faz de conta de supermercado. Na brincadeira, as crianças naturalmente sentiram a necessidade de usar a escrita para nomear os objetos à venda e também na produção de listas de compras. Tal como estas, outras situações costumam acontecer no cotidiano da instituição, em que as crianças realizam escrita espontânea para dar mais veracidade às suas brincadeiras.

Refletindo sobre essas e outras tantas experiências, vemos que a escrita surge no contexto das crianças pequenas de forma muito natural, uma vez que em seus cotidianos em espaços internos e/ou externos à instituição escolar, as mesmas são constantemente estimuladas e confrontadas com diferentes informações que lhes são apresentadas por meio da palavra escrita. Nos livros, receituários médicos, listas de compras, rótulos de alimentos, na fachada de um lugar, e em muitas outras situações, a criança observa, analisa, faz suas próprias inferências sobre a linguagem escrita e seus significados, e deseja se apropriar dela.

4 Considerações finais

Ao refletir sobre ludicidade e o trabalho com a linguagem escrita no CAP-UFPB, concordamos com Leal e Silva (2011, p.66) que

(...) as crianças brincam, desde muito cedo, com a língua, manipulando-a de forma lúdica e prazerosa. Entre tais atividades, destacamos as brincadeiras de encenar, as brincadeiras de ler e as brincadeiras de palavras. Se tais brincadeiras acontecem de forma espontânea no cotidiano infantil, elas também devem estar presentes nas classes de Educação Infantil, mas sem imposições.

É assim que nós, professoras, temos buscado construir nossas práticas educativas com a linguagem na Educação Infantil, partindo dos interesses e curiosidades infantis, e promovendo situações lúdicas, atreladas aos nossos objetivos de aprendizagem, e de ampliação do repertório de saberes das crianças.

Por fim, ressaltamos as práticas aqui relatadas e suas relações com os objetivos presentes em nossa proposta curricular, destacando que os presentes objetivos podem ser resumidos em brincar, aprender e refletir sobre a linguagem escrita, seus usos e possibilidades, de forma lúdica, contextualizada e significativa para e com as crianças. Salientando também suas possibilidades de ir além do que foi planejado em cada situação, tal como a criança que escreve o livro, sendo sua criatividade estimulada e acolhida nesse contexto educativo.

Referências

- ARAÚJO, Liane Castro de. Brincar com a linguagem: educação infantil “rima” com alfabetização?. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, p. 2325–2343, 2016. DOI: 10.21723/riaee.v11.n.esp4.9196. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/9196>. Acesso em: 28 set. 2024.
- BRASIL, Ministério da Educação. CNE/CEB. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, 1999.
- GIRÃO, Fernanda Michele Pereira. BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi Alves. leitura e a escrita das crianças e com as crianças. In: BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi Alves. ROSA, Ester Calland de Sousa. (Org). **Educação Infantil: pré-escola. Caderno do professor**. Secretaria de Educação e Esportes. Recife: a secretaria, 2023. p. 31-54.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Bruner e a brincadeira. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.) **O brincar e as suas teorias**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- LEAL, Telma Ferraz. SILVA, Alexsandro da. Brincando, as crianças aprendem a falar e a pensar sobre a língua. In: BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi Alves. ROSA, Ester Calland de Sousa. (Orgs.). **Ler e escrever na educação infantil: discutindo práticas pedagógicas**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p.53-72.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Ludicidade e atividades lúdicas: uma abordagem a partir da experiência interna**. Salvador, 2005. Disponível em: [http://portal.unemat.br/media/files/ludicidade_e_atividades_ludicas\(1\).pdf](http://portal.unemat.br/media/files/ludicidade_e_atividades_ludicas(1).pdf). Acesso em: 28 de setembro de 2024.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Ludicidade e formação de educador. **Revista Entreideias**, Salvador, v. 3, n.2, p. 13-23, jul./dez. 2014.

ROCHA, Maria de Lourdes Gonçalves Machado. Brincar: oportunidade lúdica nos tempos livres das crianças? In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida; SANTOS, Maria Walburga (Org.). **Jogos e brincadeiras**: tempos, espaços e diversidade. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVA, Thais Thalyta da. Experiências com a linguagem escrita no trabalho com as crianças bem pequenas da Educação Infantil. In: SILVA, Thais Thalyta da; BRITO, Rayssa Maria Anselmo de; LIMA, Renata da Costa (org.). **Diálogos da Educação Infantil**: entre relatos, reflexões e experiências. João Pessoa: Editora UFPB, 2021. p.122-138.

Contribuições da autoria

Thais Thalyta da Silva: Conceitualização, Redação, Revisão.

Renata da Costa Lima: Conceitualização, Redação, Revisão.

Rayssa Maria Anselmo de Brito: Conceitualização, Redação, Revisão.

Data de submissão: 30/09/2024

Data de aceite: 30/09/2025